Apresentação

É inegável que a corrupção é um escândalo mundial que ocorre em todos os níveis, e que o poder é um fator que pode facilmente acompanhar e reforçar atos de corrupção, embora nem sempre. Corrupção não pode ser entendida como uma questão isolada; é normalmente parte de um sistema no qual entram vários elementos que Napoleón Saltos Galarza explica claramente. Para ele corrupção,

é um sistema de comportamento de uma rede em que participam um agente (individual ou social), com interesses e poder de influência para garantir condições de impunidade, a fim de conseguir que um grupo dotado de poder de decisão de funcionários públicos ou de pessoas particulares realizem atos ilegítimos que violam os valores éticos da honestidade, probidade e justiça, e também podem ser atos ilícitos que violam normas legais, para obtenção de benefícios econômicos ou de posição política ou sociais em prejuízo do bem comum.

De acordo com esta definição, temos os seguintes elementos-chave no fenômeno da corrupção: sistema em rede, interesse particular, poder de influência, impunidade, ato ilícito, violação de normas éticas e legais, benefício particular e preconceito do bem comum. Assim, acusar uma pessoa ou setor de corrupção implica levar em conta não apenas o indivíduo ou grupo, mas toda a rede sistêmica que o permite. Falamos, então, de uma corrupção institucionalizada que inclusive revela a maldade dos sistemas e organizações na recorrência das injustiças, muitas vezes veladas por discursos de mentira, que, como disse Paulo em Romanos 1,18, “pela injustiça aprisionam a verdade”.

Esta edição do RIBLA contém 12 artigos, dos quais seis estão concentrados na área da Bíblia Hebraica, um no tempo intertestamental

e cinco no Novo Testamento. Alguns dos artigos estão mais inclinados a analisar o poder abusivo e apresentar leituras críticas de textos que validam o abuso de poder entre os líderes do povo hebreu. Outros enfatizam o tema da corrupção em diferentes períodos da Bíblia e em fontes extra-bíblicas do Antigo Oriente Próximo. Finalmente, há artigos que oferecem aspectos positivos na Bíblia sobre como superar a corrupção.

Nancy Cardoso oferece uma estrutura teórica para entender a corrupção, não como um evento isolado, mas como um evento sistêmico. Não é tão importante concentrar-se na “corrupção cultural” ou identificar agentes corruptos, uma vez que a corrupção ocorre no nível macroestrutural. Para ela, identificar a corrupção pode ser uma estratégia que ajuda a manter os interesses da especulação e da acumulação financeira. Na Bíblia encontramos redes de diversos significados, estruturados em linguagem, neste caso, como corrupção da terra, dos rituais, da propriedade, etc. Conhecer os sistemas do Oriente Médio ajuda a entender e calibrar o contexto das narrativas bíblicas relativas à corrupção.

Alejandro Botta analisa o poder e a corrupção no Antigo Oriente Próximo, revendo textos de inscrições de Nuzi e o código de Hamurabi, onde claramente aparece a denúncia contra pessoas corruptas como juízes, sacerdotes e governantes.

David Castillo fez uma crítica ao poder opressivo da leitura de José, filho de Jacó em Gênesis 47,13-26 especialmente quando ele estava no comando da administração do Egito. José aproveita a fome no Egito para roubar os camponeses de sua propriedade e sujeitá-los ao poder do faraó.

Vicente Artuso, seguindo a linha de crítica do abuso de poder, faz uma leitura de Num 12,1-12 e 16,1-35 dos vulneráveis. Ele traz à luz a violência desproporcional na sociedade israelita sob o comando de Moisés, em tempos de revolta do povo. Violência tolerada em nome da justiça. Para Artuso, autoridades sagradas como Moisés e Arão não estão isentas de cair em abuso de poder.

Elsa Tamez analisa a atual denúncia da corrupção nas tradições proféticas e sapienciais; leva o livro do profeta Miquéias e Coélet (Eclesiastes) como exemplos concretos e paradigmáticos de reclamação. Da mesma forma, analisa as categorias do pecado e da lei em Romanos como um sistema que nos permite ver a natureza perversa das instituições, permeada pela corrupção.

Juan José Barreda, em seu artigo sobre poder e corrupção no Segundo Templo, analisa como foi a criação de um sistema corrupto e do

Templo, a partir da posição de poder dos principais sacerdotes. Tudo isso por causa dos conquistadores gregos, Selêucidas e Ptolomeus, que usaram o templo, especialmente os sumos sacerdotes, para a cobrança de impostos. Como esperado, a população foi a mais afetada. Juan José incluiu em seu estudo a reação dos sacerdotes que se distanciaram da corrupção, documentada em 4QMMT, manuscrito também conhecido como a Carta *Halákica*.

Marlon Winedt, seguindo os paradigmas de honra e vergonha, e fazendo uso de etno-arqueologia da Galiléia analisa a omissão da famosa cidade de Séforis nos Evangelhos e as cartas como uma estratégia contra o poder dominante da dinastia de Herodes. Ignorar Séforis, símbolo da grandiosidade herodiana, significava atacar indiretamente a dinastia Idumea-Judaica e expor seu abuso de poder.

Mercedes Lopes e Carlos Mesters, motivados pelos atuais escândalos de corrupção no mundo, destacam a importância da carta de Paulo aos Romanos para ser relida hoje. Eles analisam o pecado estrutural no contexto escravagista do Império Romano, que tem como pano de fundo a ganância e a corrupção da prática imperial. A releitura da carta torna-se uma boa notícia, porque sublinha a liberdade e o amor livre e incondicional de Deus que, ao contrário da sociedade imperialista e meritocrática do império, não exige mérito.

Agustín Monroy faz uma leitura crítica do poder e da corrupção em Atos 1,3-26, a partir do pensamento descolonial. No relato da escolha para a substituição de Judas, para reconstituir o grupo dos 12, ele demonstrou como os apóstolos, incluindo Pedro, podem cair nas armadilhas do poder, sob o pretexto de realizar o projeto de Jesus.

Ivoni Richter Reimer analisa Mateus 5,1-12 como uma promessa e um apelo à ação transformadora. As bem-aventuranças são uma expressão de anúncio e denúncia. Denúncia das relações de opressão e discriminação, sejam elas econômicas ou sócio-ideológicas-culturais, e anúncio de uma nova realidade libertadora a partir da perspectiva do Reino que, para o autor, dentro do sistema de dominação violenta e corrupta, pode funcionar como um antídoto ao poder dominante e à corrupção.

Néstor O. Míguez enfoca a questão do poder e brinca com as palavras “correto” e “corrupto”. O poder, da perspectiva das sociedades dominantes, está sempre na areia movediça da sedução, que leva aos limites da corrupção, longe de uma ação correta. Míguez analisa as lutas de poder dentro dos próprios discípulos, em Marcos 10,35-45, onde o poder dos governantes é contrastado com o poder do serviço.

Eleuterio Ruiz recorre aos sábios do antigo Israel para examinar seus conselhos concretos sobre como se comportar na vida diante de sistemas sociais corruptos. Conselhos dirigidos a todos, incluindo os pobres, que também são presas fáceis da corrupção. Ruiz está interessado não apenas no conteúdo, mas também nas profundas raízes do ensino desses sábios, com sua estrutura teológica, cuja fundação não é outra senão o Deus justo e protetor dos mais vulneráveis. Seu artigo aborda Provérbios, mas também leva em conta outras literaturas de sabedoria como Coélet, Sabedoria e Ben Sira.